

análise trimestral de conjuntura à indústria de calçado

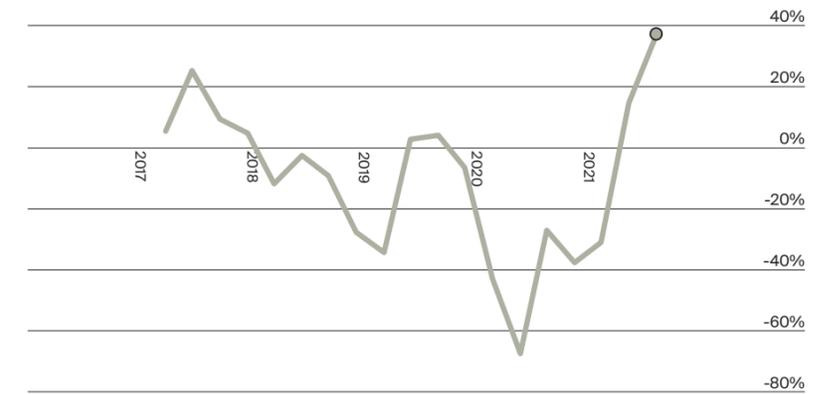
**3º TRIMESTRE
2021**

PORTU
GUESE
SHOES
APICCAPS

1. APRECIACÃO DA SITUAÇÃO DO SETOR NO 3º TRIMESTRE DE 2021

produção

Superando largamente as previsões ligeiramente negativas formuladas no período anterior, no 3º trimestre de 2021 a produção da indústria portuguesa de calçado voltou a aumentar de forma muito significativa: as empresas que conseguiram um aumento da produção superaram em 37 pontos percentuais (p.p.), as que indicaram uma diminuição, estabelecendo um novo máximo histórico para este saldo de respostas extremas (s.r.e.). O bom desempenho foi comum às empresas de todos os escalões de dimensão e de orientação de mercado.



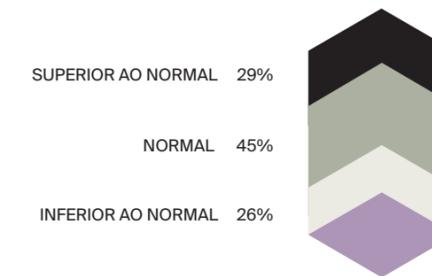
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

A indústria portuguesa de calçado viveu, no terceiro trimestre, o período mais favorável dos últimos dois anos. Todos os indicadores – produção, encomendas, preços, emprego – evoluíram de forma muito positiva, superando as expectativas existentes e, em vários casos, estabelecendo novos máximos históricos.

O foco das preocupações da indústria inverteu-se, passando das questões comerciais que habitualmente predominam para os fatores de produção: o abastecimento de matérias-primas é agora a principal limitação enfrentada pela indústria, seguida de perto pela escassez de mão-de-obra. As empresas fazem agora uma avaliação positiva do estado de negócios, o que acontece pela primeira vez desde o início da pandemia de COVID-19.

As empresas inquiridas acreditam que este estado de coisas se prolongará para o último trimestre do ano, com um crescimento adicional das encomendas e da produção que permitirá continuar a aumentar o emprego na indústria. Embora a apreciação positiva da conjuntura seja generalizada, as perspetivas são tanto mais favoráveis quanto maior a dimensão e a vocação exportadora dos inquiridos.

utilização da capacidade

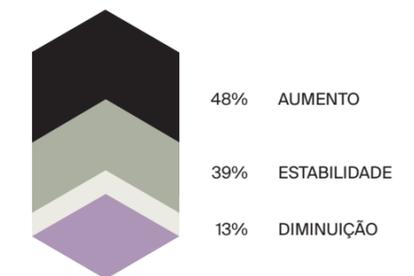


Quase metade das empresas (45%) afirmam que, no 3º trimestre, a utilização da sua capacidade produtiva foi normal para a época do ano. Entre as restantes, as que indicam que a utilização da capacidade foi superior ao normal excederam as que dizem que foi inferior, o que acontece pela primeira vez nos últimos 4 anos. Apesar de pequeno (+3 p.p.), este saldo de respostas extremas é, por isso, muito significativo.

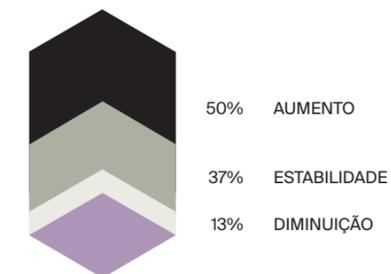
carteira de encomendas

À semelhança da produção, a evolução da carteira de encomendas estabeleceu novos recordes positivos. O saldo de respostas extremas relativo à carteira global de encomendas atingiu +35 p.p., superando o anterior máximo registado em 2010. Embora todos os escalões de dimensão e orientação exportadora tenham apresentado s.r.e. positivo, o saldo foi consideravelmente menor nas empresas de pequena dimensão e naquelas que se dedicam exclusivamente ao mercado nacional.

CARTEIRA DE ENCOMENDAS



CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

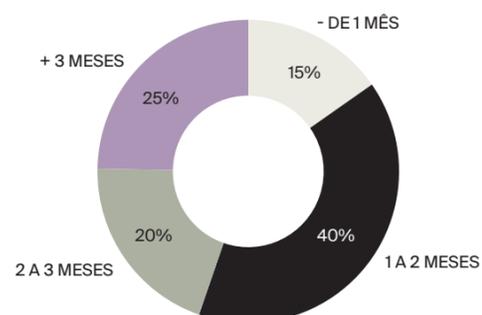


O panorama é ainda mais favorável no que respeita à carteira de encomendas do estrangeiro que aumentou em metade das empresas e diminuiu em apenas 13%. Neste caso, é ainda mais vincada a diferença entre as empresas com menos de 50 trabalhadores, que apresentam um s.r.e. de 6 p.p., e as restantes para quem o saldo de respostas extremas excede 50 p.p.

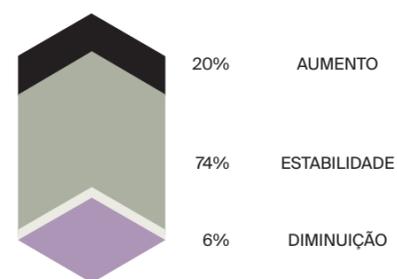
horizonte

A percentagem de empresas que consideram que a carteira de encomendas lhes assegura menos de 1 mês de produção caiu para 15%, o valor mais baixo desde o início da pandemia de COVID-19. Em contrapartida, um quarto das empresas diz agora ter encomendas para mais de três meses de atividade, o nível mais alto dos últimos cinco anos. A percentagem de empresas que beneficiam desta situação é crescente com a dimensão e com a orientação para mercados externos.

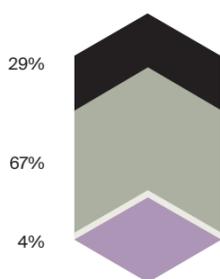
PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS



PREÇOS EM PORTUGAL



PREÇOS NO ESTRANGEIRO



preços

Embora a larga maioria das empresas considere que os preços do calçado se têm mantido estáveis, as respostas dos inquiridos sugerem uma tendência de subida. No que diz respeito ao mercado nacional, 74% das empresas dizem que, no 3º trimestre, os preços não se alteraram, mas as que dizem que aumentaram superam em 14 p.p. as que dizem o oposto. Quanto aos mercados internacionais, dois terços das empresas apontam para a estabilidade, mas o s.r.e. é de 25 p.p. o mais alto desde 2011.

peessoas ao serviço

A situação é semelhante no que concerne ao emprego. Quase três quartos das empresas inquiridas (73%) afirmam que o número de pessoas ao seu serviço se manteve inalterado no 3º trimestre, mas as que dizem que aumentou superam em 15 p.p. as que dizem que diminuiu. Nesta matéria, são as empresas orientadas predominantemente para o mercado português que dão as respostas mais favoráveis.

EMPREGO



estado dos negócios

A evolução favorável da conjuntura refletida nas questões anteriores permitiu que, no 3º trimestre de 2021, o saldo de respostas extremas relativo ao estado dos negócios tenha voltado a terreno positivo (+12 p.p.), depois de se ter mantido negativo desde o início de 2020, refletindo o impacto da pandemia de COVID-19. No entanto, metade das empresas inquiridas consideram que o estado dos negócios é ainda, apenas, suficiente.



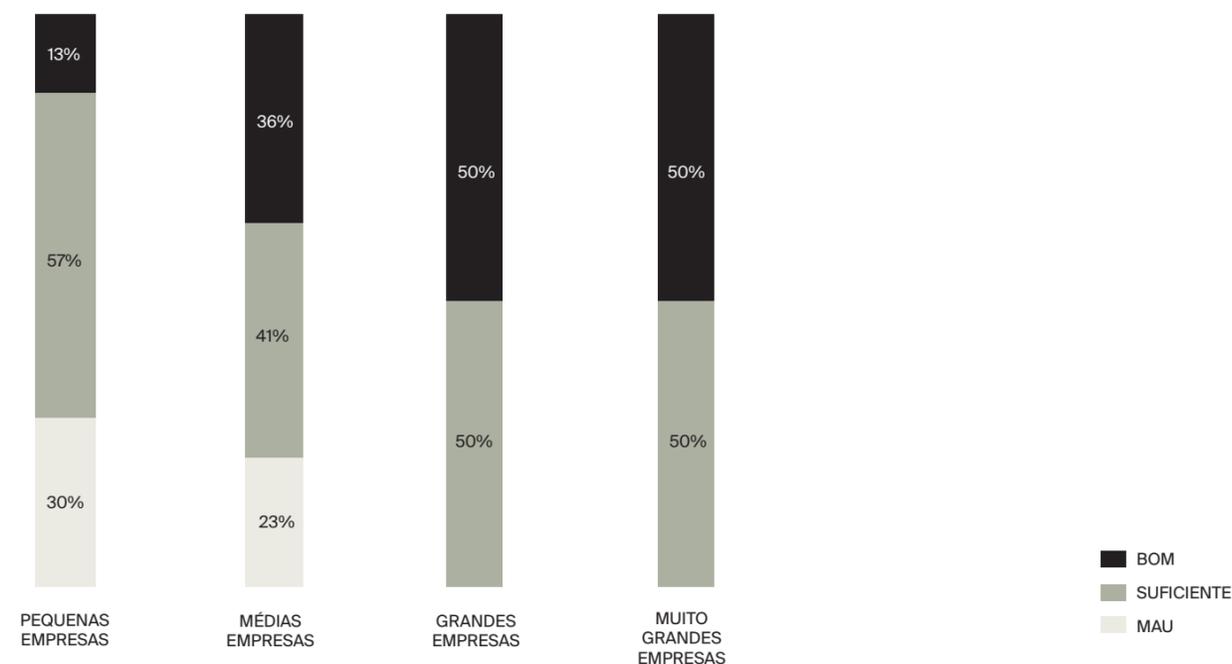
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO



A melhoria da conjuntura é particularmente evidente quando se pede às empresas que comparem a situação no 3º trimestre de 2021 com a vivida na mesma altura do ano anterior: metade dos inquiridos (50%) consideram que o estado dos negócios está melhor e apenas 15% dizem o oposto. O saldo de respostas extremas daí resultante (+35 p.p.) é o mais elevado desde 2010.

A apreciação que as empresas fazem do estado dos negócios está positivamente relacionada com a sua dimensão: enquanto metade das empresas com, pelo menos, 100 trabalhadores dizem que o estado dos negócios no 3º trimestre foi bom e nenhuma diz que foi mau, entre as que têm menos de 50 trabalhadores as que pensam que foi mau superam em 17 p.p. as que afirmam que foi bom.



1. APRECIÇÃO DA SITUAÇÃO DO SETOR NO 3º TRIMESTRE DE 2021

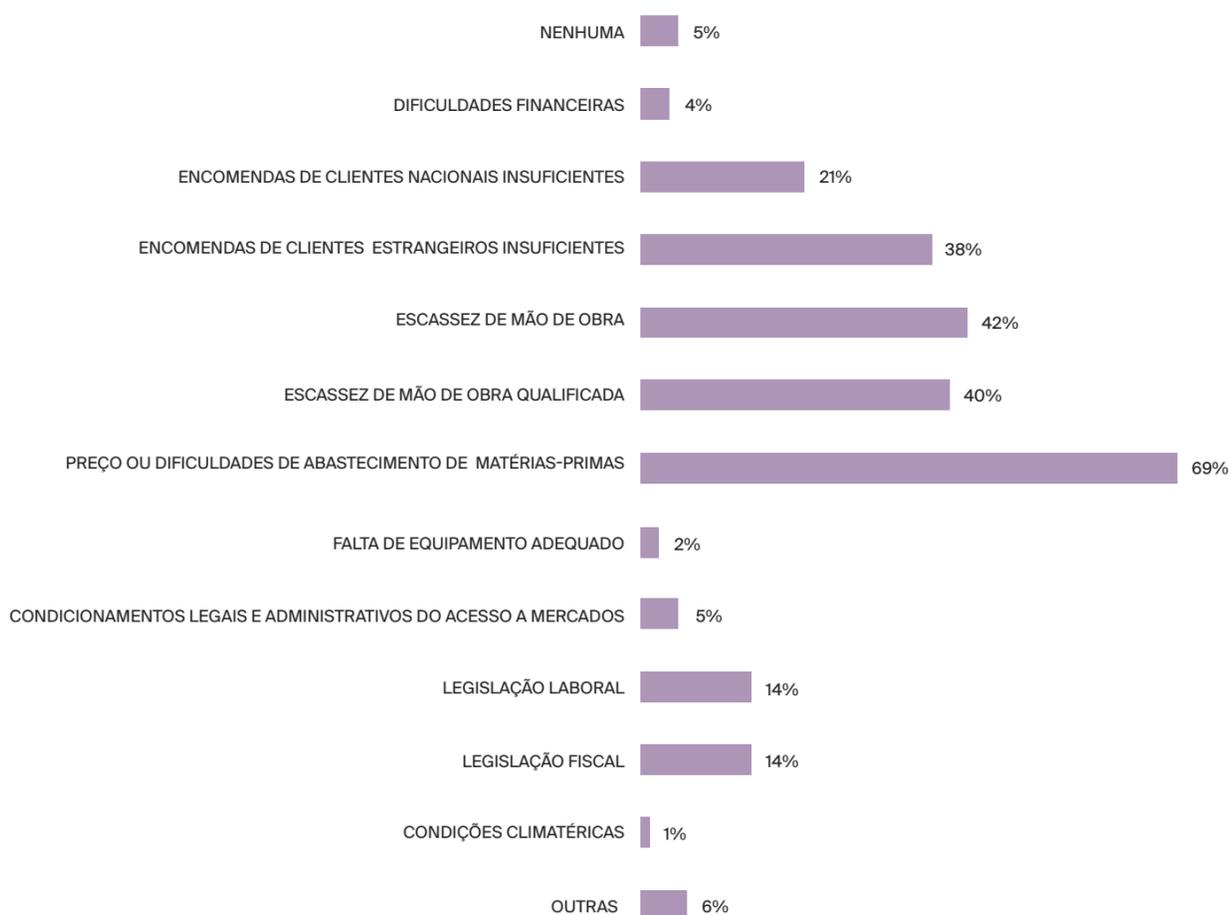
limitações à produção e vendas

A melhoria da conjuntura no terceiro trimestre de 2021 está associada a um brusco abrandamento das dificuldades comerciais. A percentagem dos inquiridos que indicam ter sentido dificuldades decorrentes da escassez de encomendas de clientes estrangeiros caiu de 61%, no trimestre passado, para apenas 38%, o nível mais baixo desde o início de 2014. No mesmo sentido, a escassez de encomendas de clientes nacionais passou de 39% de referências no 2º trimestre para, apenas, 21% no terceiro. Enquanto no passado recente estas dificuldades afligiam toda a indústria, agora são sobretudo as empresas de menor dimensão que ainda se lhes referem. As empresas têm, no entanto, tido dificuldade em responder a esta melhoria das perspectivas comerciais, devido a problemas no abastecimento de fatores de produção. Mais de dois terços dos inquiridos (69%) queixam-se do preço ou dificuldades de abastecimento de matérias-primas, um máximo histórico. Este fator lidera, agora, as dificuldades mais referidas pelas empresas de todos os escalões de dimensão e orientação de mercado. Mas também as referências a dificuldades na contratação de mão-de-obra atingiram novos recordes: 40% dos inquiridos dizem debater-se com escassez de mão-de-obra qualificada e uma percentagem ainda maior, 42%, afirmam enfrentar escassez de mão-de-obra, em geral!

Entre as empresas de maior dimensão, acima dos 100 trabalhadores, a escassez de mão-de-obra, independentemente das qualificações, é particularmente acentuada, afetando cerca de dois terços dos inquiridos.

Embora com um nível de referências muito inferior (14%), a legislação laboral e a legislação fiscal surgem num terceiro nível de preocupação, abaixo dos fatores de produção e das dificuldades comerciais. As referências a outros fatores são muito escassas, inferiores a 10%. As “outras” dificuldades não especificadas que, em 2020, alcançaram grande destaque em resultado da pandemia de COVID-19 são agora mencionadas por apenas 6% das empresas e as dificuldades climatéricas, que em anos recentes foram também objeto de muita preocupação, quase não foram mencionadas.

A melhoria da conjuntura permitiu a queda das referências a dificuldades financeiras para apenas 3%, longe dos 13% atingidos há pouco mais de um ano. No entanto, apesar do abrandamento de outras dificuldades, a preocupação com o abastecimento de fatores de produção levou a que apenas 5% dos inquiridos tenham afirmado não enfrentar nenhuma dificuldade, o nível mais baixo desde que, em 1995, se iniciou a publicação deste Boletim.



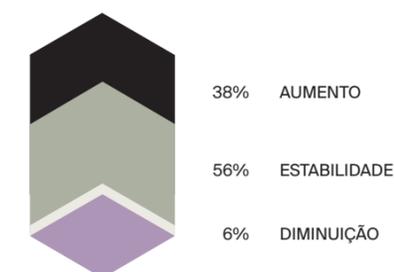
DIFICULDADES NO TRIMESTRE

2. PERSPETIVAS PARA O 4º TRIMESTRE DE 2021

tendência da produção

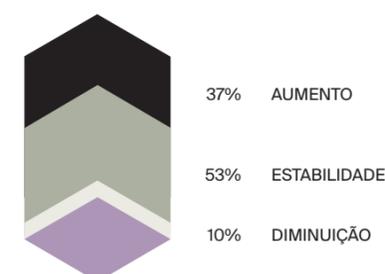
Apesar da melhoria verificada nos dois trimestres anteriores, as empresas inquiridas preveem que, no último trimestre do ano, a produção da indústria voltará a aumentar: embora 56% esperem que a sua produção estabilize, entre as restantes, as que acreditam num aumento superam em 32 p.p. as que receiam uma diminuição, o que é o segundo s.r.e. mais elevado de sempre. Como noutros aspetos, as pequenas empresas são as que se mostram menos otimistas.

PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

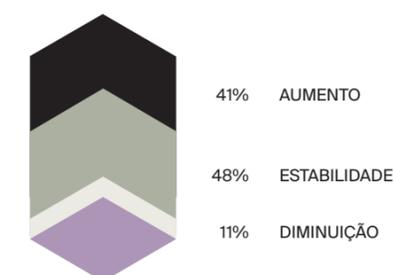


perspetivas de encomendas

As perspetivas para a carteira de encomendas são igualmente favoráveis, com saldos de respostas extremas de +27 p.p., no que respeita à carteira global de encomendas, e de +30 p.p., no que respeita à carteira de encomendas do estrangeiro. As empresas de pequena dimensão são as únicas para quem estes saldos são ligeiramente negativos, não havendo diferenças significativas entre os outros escalões de dimensão. As empresas que se dedicam exclusivamente à exportação são as mais otimistas, apresentando s.r.e. superiores a 50 p.p.



PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS

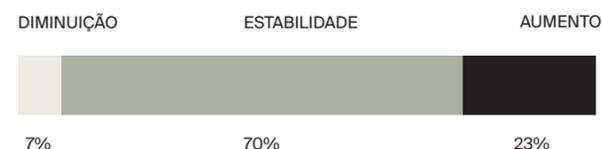


PREVISÃO DA CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

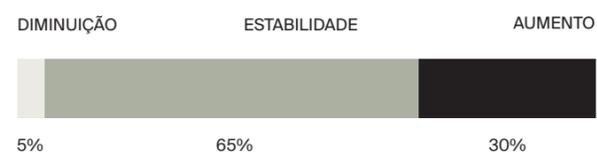
perspetivas de preço de venda

As previsões para a evolução dos preços são semelhantes. A maioria das empresas acredita que os preços de venda, no último trimestre do ano, permanecerão estáveis, quer em Portugal (70%), quer no estrangeiro (65%). Em ambos os casos, os saldos de respostas extremas são claramente positivos, atingindo +16 p.p. no mercado nacional e +25 p.p. nos mercados internacionais, sugerindo uma tendência de alta dos preços.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL



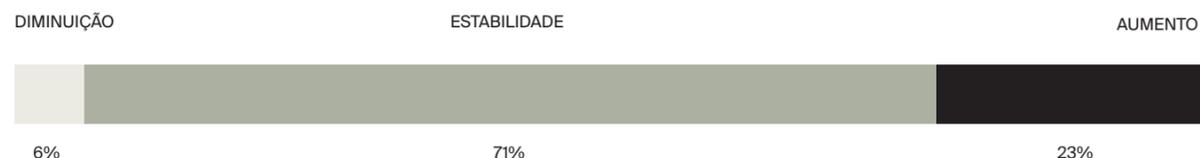
PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



perspetivas sobre o emprego

Embora 71% das empresas não esperem alterações no número de pessoas ao seu serviço, no 4º trimestre, as que esperam o seu aumento superam em 17 p.p. as que preveem a sua diminuição, o que constitui um novo máximo para esta variável. O s.r.e. está positivamente relacionado com a dimensão das empresas, atingindo +67 p.p. entre as de maior dimensão, e é particularmente acentuado entre as que se dedicam exclusivamente à exportação. A tendência de aumento do emprego no setor implícita nestas respostas poderá, no entanto, ser contrariada pela escassez de mão-de-obra de que as empresas se queixam.

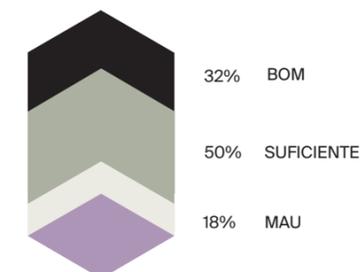
PREVISÃO DE EMPREGO



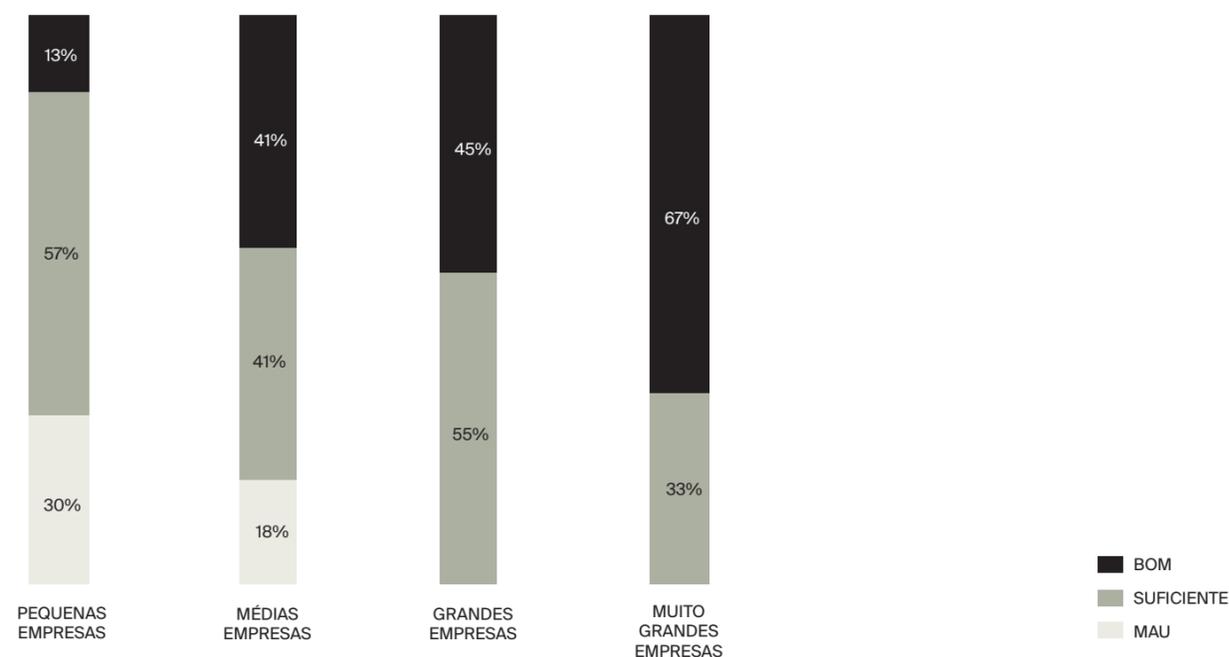
perspetivas sobre o estado dos negócios

Pela primeira vez desde o início da pandemia de COVID-19, as previsões das empresas para o estado dos negócios no trimestre seguinte são positivas: metade dos inquiridos acreditam que o estado dos negócios será suficiente e os que acreditam que será bom excedem em 14 p.p. os que receiam que seja mau. Além disso, 45% dos inquiridos acreditam que o último trimestre de 2021 será melhor do que o trimestre homólogo de 2020, enquanto só 14% julgam o contrário. Esta comparação com o trimestre homólogo é a mais favorável desde que se publica este Boletim.

PREVISÃO DO ESTADO DOS NEGÓCIOS



Tal como acontece na apreciação do estado dos negócios no 3º trimestre, as previsões quanto ao estado dos negócios no 4º trimestre são tanto mais favoráveis quanto maior a dimensão das empresas. O saldo de respostas extremas da previsão para o estado dos negócios varia entre -16 p.p. nas pequenas empresas e +67 p.p. nas muito grandes. Em termos de orientação de mercado, as empresas dedicadas exclusivamente à exportação, com um s.r.e. de +40 p.p. destacam-se largamente das restantes.

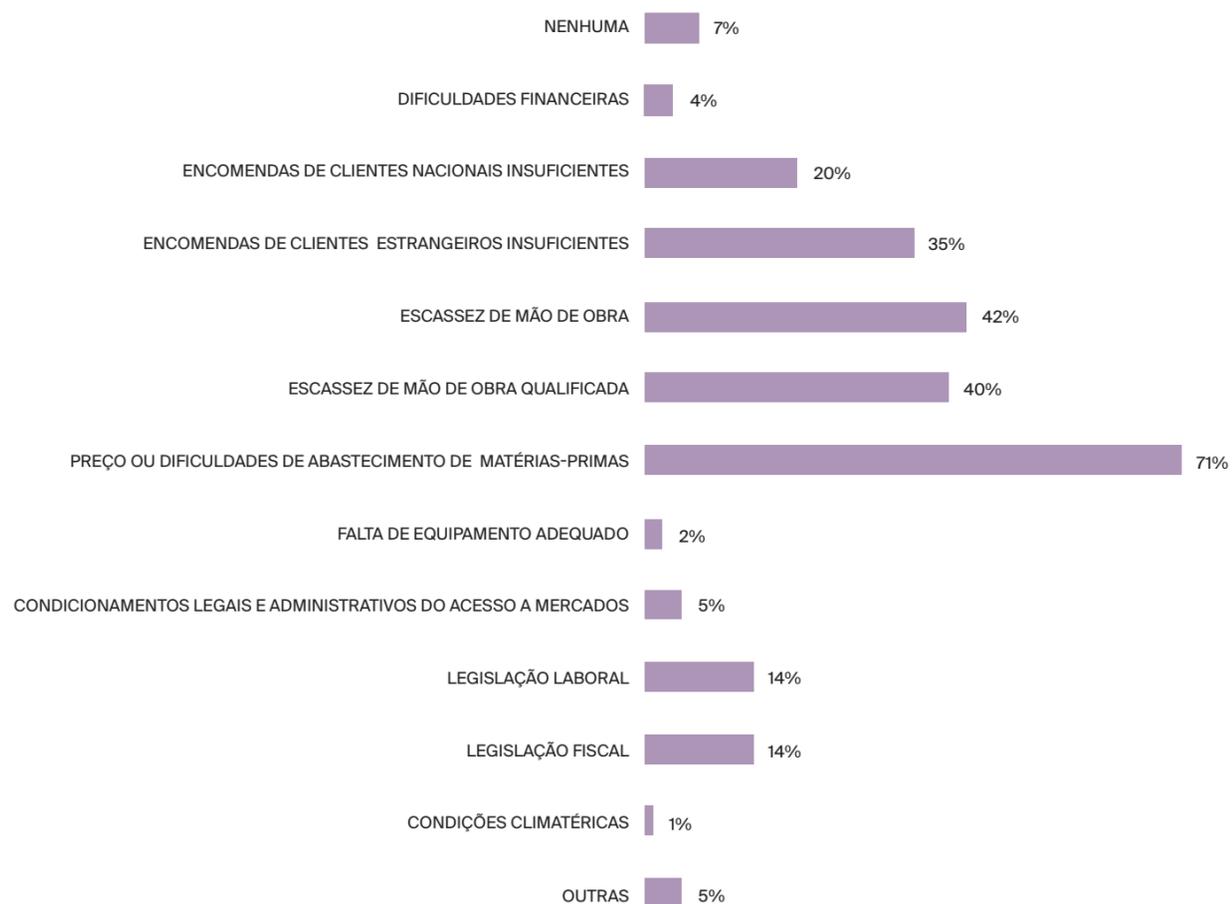


limitações previstas

As empresas inquiridas não esperam alterações relevantes nas limitações com que estão confrontadas no último trimestre do ano: 71%, uma percentagem ligeiramente superior à verificada no 3º trimestre, dizem esperar dificuldades relacionadas com o preço ou o abastecimento de matérias-primas, mantendo este fator na liderança das preocupações setoriais. Nenhuma outra limitação recebe, em termos de previsão, mais referências do que recebeu em relação ao trimestre anterior.

Sem alteração em relação ao trimestre transato, a escassez de mão-de-obra, qualificada e não qualificada, mantém a segunda posição nas preocupações setoriais, sendo particularmente relevante para as empresas de maior dimensão e para as orientadas exclusivamente para a exportação.

As diminuições no número de referências são também muito escassas, verificando-se apenas para a escassez de encomendas de clientes estrangeiros, de 38% para 35%, e de clientes nacionais, de 21% para 20%, e ainda para as “outras” dificuldades não especificadas, de 6% para 5%. As previsões de dificuldades comerciais situam-se em níveis próximos dos seus mínimos históricos.



notas de conjuntura

O excelente desempenho da indústria portuguesa de calçado no terceiro trimestre parece ter ocorrido a contraciclo com os seus pares da União Europeia. De acordo com os dados disponíveis no Eurostat, a produção da indústria de calçado no conjunto dos 27 estados-membros no terceiro trimestre terá diminuído 2,9% face ao trimestre anterior e 7% face ao trimestre homólogo do ano anterior, quando corrigida a sazonalidade e os efeitos de calendário. Segundo esta fonte, no terceiro trimestre, a produção terá diminuído 6,8% em Espanha e 6,5% em Itália.

No terceiro trimestre, a economia portuguesa continuou a recuperar da queda muito acentuada registada no ano anterior. As estimativas do Instituto Nacional de Estatística indicam que, no terceiro trimestre, o Produto Interno Bruto português aumentou 4,2% face ao período homólogo do ano anterior e 2,9% face ao trimestre anterior. O crescimento do PIB foi sustentado pela procura interna, nomeadamente pelo consumo privado. As exportações registaram um crescimento homólogo de 10,2%, inferior aos 11% de crescimento das importações, implicando um contributo negativo da procura externa para o crescimento do PIB.

O Banco de Portugal publicou em dezembro as suas projeções macroeconómicas para o período 2021-2024. De acordo com esta publicação:

“O Banco de Portugal projeta um crescimento da economia portuguesa de 4,8% em 2021 e de 5,8% em 2022, seguido de um ritmo de expansão mais moderado em 2023 e 2024, 3,1% e 2,0%, respetivamente (...). A recuperação da atividade traduz-se num aumento do emprego e numa redução da taxa de desemprego para níveis inferiores aos pré-pandemia. A inflação aumenta em 2021 e 2022, para 0,9% e 1,8%, respetivamente, fixando-se em 1,1% e 1,3% nos dois anos seguintes, com um perfil muito influenciado pela evolução dos preços dos bens energéticos. (...)

O consumo privado cresce 5% em 2021 e 4,8% em 2022, desacelerando no período 2023-24 para 2,2% e 1,8%. (...) As exportações crescem 9,6% em 2021, 12,7% em 2022 e 5,9%, em média, em 2023-24. A recuperação das exportações é diferenciada entre bens e serviços, com as exportações de bens a excederem o nível pré-pandemia no final de 2021 (...). As perturbações no abastecimento de matérias-primas e bens intermédios tiveram um impacto negativo nos trimestres recentes sobre as exportações de alguns setores relevantes, destacando-se o setor automóvel. Após um crescimento de 10,6% em 2021, as exportações de bens crescem 3,9% em 2022, seguido de um crescimento de 6,1% em 2023, refletindo a gradual dissipação daquelas perturbações ao longo de 2022. Em 2024, as exportações de bens crescem 3,3%, em linha com a procura externa dirigida às empresas portuguesas. (...)

Banco de Portugal, Projeções para a economia portuguesa: 2021-2024, Boletim Económico, Dezembro de 2021

Também em dezembro, a OCDE publicou o seu mais recente panorama económico mundial. Segundo esta organização:

“A recuperação global continua a progredir, mas perdeu ímpeto e está a tornar-se crescentemente desequilibrada. (...) À medida que os padrões da procura normalizam, a capacidade produtiva cresce e mais pessoas reentram na força de trabalho, as restrições e escassezes do lado da oferta devem aliviar-se gradualmente ao longo de 2022-2023. Prevê-se que a recuperação global continue, mas o crescimento do PIB global a abrandar ao longo do tempo, de 5,6% em 2021 para 4,5% em 2022 e 3,25% em 2023 (...). Prevê-se que a maioria das economias avançadas regressem à sua trajetória de produto pré-pandemia até 2023, mas com maior dívida e um potencial de crescimento subjacente ainda abaixo do normal.”

OCDE, OECD Economic Outlook, Vol. 2021, Nº 2, Dezembro de 2021*

*Tradução nossa

O emprego continua a aumentar nos próximos anos, embora a um ritmo progressivamente menor, condicionado por limitações da oferta de trabalho. (...) Ao longo do horizonte de projeção, os salários crescem em torno de 3%, ligeiramente abaixo ao observado nos anos pré-pandemia. As projeções incluem o aumento do salário mínimo de 6% em 2022, após um aumento de 4,7% em 2021. (...)

O balanço dos riscos em torno das projeções para a atividade é enviesado em baixa no curto prazo. O risco descendente predominante está associado a um novo agravamento da situação pandémica que resulte em medidas mais restritivas, com impacto na confiança dos agentes económicos e na atividade. Uma maior persistência das perturbações nas cadeias de fornecimento globais mantém-se como um fator de incerteza adicional.”

APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucadêneos

